



GT 58. Migrações, Mobilidades e Deslocamentos. As movimentações populacionais na contemporaneidade.

Coordenador(es):

Miriam de Oliveira Santos (UFRRJ - Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro)

Gláucia de Oliveira Assis (UDESC - Fundação Universidade do Estado de Santa Catarina)

Sessão 1

Debatedor/a: Daniel Granada da Silva Ferreira (UFSC - Universidade Federal de Santa Catarina)

Sessão 2

Debatedor/a: Maria Catarina Chitolina Zanini (ufsm)

Sessão 3

Debatedor/a: Sidney Antonio da Silva (UFAM - Universidade Federal do Amazonas)

Desde 2006, esse GT tem buscado refletir sobre as diferentes dimensões e contextos das mobilidades. No século XXI a chamada "crise migratória", o processo de securitização nas fronteiras, a intensificação dos deslocamentos, ganharam uma relevância e urgência significativas que refletem a complexidade dos conflitos de várias naturezas presentes na mobilidade humana. Nesse contexto, homens, mulheres e crianças em movimento categorizados como migrantes, refugiados, deslocados ou pessoas em mobilidade, buscam na migração (com maior ou menor grau de escolha e/ou de protagonismo) um caminho para seus projetos em busca de melhores condições de vida do que têm na sua região ou país de origem. A proposta deste GT é acolher trabalhos que busquem analisar os processos e políticas migratórias considerando que raça, gênero, classe e outros marcadores impactam na compreensão dos processos, no diálogo intercultural e nas interações com a sociedade de acolhimento. Compreender as interações cotidianas e as lógicas classificatórias que são acionadas em função dos processos migratórios, de como os migrantes são categorizados e das novas configurações societárias contemporâneas. O GT propõe a partir de um diálogo interdisciplinar da Antropologia com outros campos, acentuar as trocas de metodologias e experiências de pesquisa nos estudos migratórios, promovendo um aprofundamento em relação às abordagens habituais e acrescentando novas possibilidades para o enfoque antropológico da questão.

Uma multidão de ?encaminhamentos?: controvérsias sobre categorias, papéis e atuações na gestão do fluxo migratório venezuelano em Manaus-AM e Boa Vista-RR

Autoria: Iana dos Santos Vasconcelos (UFSCAR - Universidade Federal de São Carlos), Sandro Martins de Almeida Santos Cristina Rivas

Os fluxos de venezuelanos entrando e saindo do Brasil provocam cada vez mais debates em torno de sua presença e distribuição pelo país, despertando diferentes respostas governamentais e do terceiro setor. O empreendimento do acolhimento e da interiorização busca disciplinar a estadia e o movimento dos/as estrangeiros/as em solo nacional. E a crescente presença de organismos internacionais induz à persecução de objetivos e protocolos padronizados. Por outro lado, a interiorização autônoma protagonizada pelos/as venezuelanos/as e uma certa resistência ao confinamento seguem desafiando as práticas institucionais incipientes. Os deslocamentos venezuelanos para Boa Vista e Manaus provocam outras mobilidades. Observamos, nos últimos anos, a chegada de instituições nacionais e internacionais na criação de uma infraestrutura que anteriormente não fazia parte da realidade local, como escritórios de organizações



internacionais, criação de abrigos, Centros de Referências para migrantes, entre outros. As instituições e sujeitos que já compunham a dinâmica das cidades adquirem novas prioridades de atuação: simultaneamente, a disputa pelo protagonismo e por alianças incertas com os poderes recém instalados. Cada instituição, local, nacional ou internacional, traz consigo um aparato normativo e um corpo conceitual com base no qual oferece seus atendimentos, gerando uma multiplicidade de entendimentos sobre a situação dos/as venezuelanos/as bem como produzindo diferentes ?encaminhamentos?. Aqui chamamos a atenção para o uso indiscriminado desse termo ?encaminhamento?, empregado de forma imprecisa pelos agentes de acolhimento, sempre que desejam apontar para alguma tomada de decisão, direcionamento ou proposta de resolução de problemas. As controvérsias pelas categorias e os diferentes encaminhamentos ensejam duas grandes mobilizações. De um lado, os agentes e instituições que percebem o fenômeno migratório como um problema, acusando uma pressão sobre as políticas públicas de segurança, saúde, educação, etc. Do outro, aqueles/as que defendem o acolhimento dos recém-chegados/as invocando um pensamento humanista-cristão. O ponto que une as duas vertentes, apesar das distintas formas de ?encaminhamento?, é a captação de recursos para a realização de suas atividades fins, sejam elas vinculadas a medidas restritivas ou de recepção desses migrantes. O artigo apresenta notas etnográficas sobre as diferentes formas de atuação dos sujeitos e instituições envolvidos na gestão do acolhimento de migrantes venezuelanos/as no norte do Brasil, destacando as contradições e semelhanças entre os diferentes ?encaminhamentos? oferecidos.



Sobre a 32 RBA

Em 2020, a Reunião Brasileira de Antropologia vai ocorrer de modo remoto entre os dias 30 de outubro e 06 de novembro. O evento é realização da Associação Brasileira de Antropologia e da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), palco de muitas histórias de luta pela afirmação do caráter público e socialmente comprometido do conhecimento que produzimos. Estarão em discussão, na 32ª RBA, não apenas os diversos temas que constituem o verdadeiro tesouro investigativo que a antropologia brasileira forjou ao longo de várias décadas, mas também as graves questões colocadas pelo inquietante contexto social e político atual. Nele, vislumbram-se inúmeros desafios a direitos consagrados pela Constituição Brasileira e a valores éticos centrais à atuação das e dos antropólogos, especialmente o respeito às diferenças sociais, culturais e políticas, baseadas em etnia, raça, religião, classe, gênero, sexualidade, origem regional, nacionalidade, capacidades corporais etc. Hoje, mais que em qualquer outro momento histórico, os saberes antropológicos são veementemente instados a aprofundar a análise dos muitos problemas nacionais, entre os quais, a crescente desigualdade social, a real vulnerabilidade de grupos e populações e os elevados índices de violência no campo e nas cidades. Que a 32ª RBA possa trazer contribuição relevante ao país e à comunidade antropológica brasileira, em seu contínuo e árduo trabalho de refinar saberes insubmissos a todas as forças e poderes que ameacem a diversidade humana e naturalizem as desigualdades sociais.

Realização:



Apoio:



Organização: